

**SOBRE A NECESSIDADE DE UMA SÉRIA E VITAL FORMAÇÃO
LITÚRGICA NUMA LEITURA DA CARTA APOSTÓLICA *DESIDERIO
DESIDERAVI***

*ON THE NEED FOR SERIOUS AND VITAL LITURGICAL FORMATION IN A
READING OF THE APOSTOLIC LETTER *DESIDERIO DESIDERAVI**

“Desiderio Desideravi hoc Pascha manducare vobiscum antequam patiar”
“Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer”

*Gislane Reis Ribeiro Toledo**

Resumo: O individualismo moderno que se caracteriza por um conjunto de ideias e valores que colocam o indivíduo no centro das atenções, e o subjetivismo onde cada um tem a sua própria verdade, agravou a pesada herança de épocas anteriores, com um espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza do homem, não sendo capaz de compreender e perceber a ação simbólica na Liturgia. Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem à plena consciência e uma participação ativa nas celebrações litúrgicas, onde a própria natureza da Liturgia exige, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão. Nós somos raça escolhida, nação santa, povo de Deus. Se faz necessário encontrar canais para um estudo da liturgia. Desde o início do movimento litúrgico aconteceram preciosas contribuições através de estudiosos e instituições acadêmicas. Contudo, é importante difundir este conhecimento para além do ambiente acadêmico, de forma acessível, para que cada fiel cresça no conhecimento do sentido teológico da Liturgia. Esta é a questão decisiva que fundamenta todo tipo de entendimento e toda prática litúrgica. A formação é vital e nos garante uma boa celebração da Eucaristia, mas também nós nos formamos para melhor celebrar, e a cada celebração, somos formados por ela. A liturgia forma-nos em tudo, molda nosso ser e sobre tudo nos conforma ao Cristo vivo e ressuscitado no meio da sua Igreja.

Palavras chaves: Liturgia. Formação. Papa Francisco. Símbolo.

Abstract: Modern individualism, which is characterized by a set of ideas and values that place the individual at the center of attention, and subjectivism where each person has their own truth, has aggravated the heavy legacy of previous times, with an abstract spiritualism that contradicts the very nature of man, not being able to understand and perceive the symbolic action in the Liturgy. God wants all men to be saved and come to the knowledge of the truth. It is an ardent desire in Mother Church that all the faithful reach full consciousness and active participation in liturgical celebrations, where the very nature of the Liturgy demands, by virtue of Baptism, a right and a duty of the Christian people. We are a chosen race, a holy nation, the people of God. It is necessary to find channels for a study of the liturgy. Since the beginning of the liturgical movement, precious contributions have been made by scholars and academic institutions. However, it is important to disseminate this knowledge beyond the academic environment, in an accessible way, so that each believer grows in knowledge of the theological meaning of the Liturgy. This is the decisive question that underlies every type of understanding and every liturgical practice. Formation is vital and guarantees us a good celebration of the Eucharist, but we are also trained to celebrate better, and with each celebration, we are formed by it. The liturgy forms us in everything, shapes our being and above all conforms us to the living and risen Christ in the midst of his Church.

Keywords: Liturgy. Formation. Pope Francis. Symbol.

* Mestranda em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Email: grtoledo@gmail.com

Introdução

Papa Francisco, depois de escrever aos bispos, na sequência da publicação do *Motu Proprio Traditionis Custodes*¹, deseja que com a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, partilhar convosco algumas reflexões sobre a Liturgia, e sua dimensão fundamental para a vida da Igreja. O Santo Padre fala da necessidade de uma formação litúrgica séria e vital para todo o Povo de Deus e sobre a importância formativa de um *ars celebrandi*² que abarcasse a todos.

1 Viver plenamente a ação litúrgica

A questão fundamental é, portanto, esta: como recuperar a capacidade de viver em plenitude a ação litúrgica? O homem moderno perdeu a capacidade de se confrontar com o agir simbólico que é uma característica essencial do ato litúrgico.

O homem de hoje se sente cada vez mais perdido, sem referências de qualquer tipo, privado de valores, indiferentes, órfãos de tudo, uma humanidade fragmentada, e sem a possibilidade de um horizonte de sentido. A fragmentação chega a tal ponto de haver separação dentro do culto litúrgico, de se dar mais importância a liturgia Eucarística e desvalorizar a liturgia da Palavra.

O individualismo e subjetivismo agravou a pesada herança de épocas anteriores, com um espiritualismo abstrato que contradiz a própria natureza do homem, espírito encarnado, não sendo capaz de compreender e perceber a ação simbólica na Liturgia.

A Igreja reunida em Concílio, com a realidade moderna, quis reafirmar a consciência de que ser sacramento de Cristo, luz dos povos³, Palavra de Deus⁴, é reconhecer como suas as alegrias e esperanças⁵, para os homens de hoje. As grandes Constituições conciliares estão interligadas, inseparáveis e não podem ser vistas separadamente, e uma única e grande reflexão do Concílio Ecumênico, uma expressão da sinodalidade da Igreja, e a Liturgia⁶ dessa como fonte de riqueza.

¹ A carta fala sobre o uso da liturgia romana anterior a 1970, restringindo as missas celebradas sob a forma extraordinária do rito romano (também conhecido como rito tridentino), no qual as orações são obrigatoriamente feitas em latim e que era a forma única do rito romano antes da reforma litúrgica determinada pelo Concílio do Vaticano II.

² Traduzido do latim “a arte de celebrar”.

³ LG, n. 1.

⁴ DV, n. 1.

⁵ GS, n. 1.

⁶ SC, n.10.

São Paulo VI encerra a segunda sessão do Concílio Vaticano II, 4 de dezembro de 1963, dizendo que não ficou sem fruto a discussão difícil e intrincada, pois o tema da sagrada Liturgia, por sua excelência intrínseca e sua importância para a vida da Igreja, foi concluído e solenemente promulgado. Respeitaram a escala dos valores e dos deveres:

Deus, em primeiro lugar; a oração, a nossa primeira obrigação; a Liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada, primeira escola da nossa vida espiritual, primeiro dom que podemos oferecer ao povo cristão, força regeneradora, ao cantar conosco os divinos louvores e as esperanças humanas, por Cristo Nosso Senhor e no Espírito Santo.⁷

2 Liturgia é o cume e a fonte da vida da Igreja

Se a Liturgia é o “cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde promana toda a sua energia”⁸, sabemos bem o que está em jogo na questão litúrgica. A problemática tem sua base eclesiológica. Como pode existir um católico com a pretensão de não aceitar a reforma litúrgica nascida da *Sacrosanctum Concilium*, que exprime a realidade da Liturgia em íntima conexão com a visão de Igreja admiravelmente descrita como sacramento, pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura. Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo.⁹

Por isso, a necessidade dos livros litúrgicos promulgados pelos santos pontífices Paulo VI e João Paulo II, em conformidade com os decretos do Concílio Vaticano II, são a única expressão da *lex orandi* do Rito Romano”.¹⁰ A não aceitação da reforma, nos traz novamente à questão: como crescer na capacidade de viver em plenitude a ação litúrgica? Como continuar a surpreendermo-nos com o que acontece na celebração diante dos nossos olhos? Precisamos de uma séria e vital formação litúrgica.

⁷ DD, n. 30.

⁸ SC, n. 10.

⁹ LG, n.1.

¹⁰ *Motu Proprio Traditionis custodes*, art. 1.

3 Dimensão pneumatológica da Litúrgica

Uma dimensão pneumatológica é percebida no número 32 do documento *Desiderio Desideravi*, quando sua Santidade reflete sobre aquela manhã de Pentecostes onde a Igreja nasce, célula inicial da nova humanidade. Os homens e mulheres reconciliados, perdoados, habitados pelo Espírito da verdade, por que Cristo está vivo, podem viver a espiritualidade na ação litúrgica. A celebração se torna lugar privilegiado, o único lugar de encontro com Ele.

Não teríamos outra possibilidade de um verdadeiro encontro com Nosso Senhor Jesus Cristo a não ser pela comunidade que celebra. Por isso a Igreja sempre guardou como o seu tesouro mais precioso o mandato do Senhor: “faça isto em memória de mim”.

Iluminada pelo Espírito Santo, a Igreja entendeu desde o primeiro instante que aquilo que era visível de Jesus, aquilo que se podia ver com os olhos e tocar com as mãos, as suas palavras e os seus gestos, o caráter concreto do Verbo encarnado, tudo d’Ele tinha passado para a celebração dos sacramentos.¹¹

Pois foi a comunidade do Pentecostes, capaz de partir o pão na certeza de que o Senhor está vivo, ressuscitado dos mortos, presente com a sua Palavra, com os seus gestos, com a oferta do seu Corpo e do seu Sangue. Só a Igreja do Pentecostes pode conceber o homem como pessoa, aberto a uma relação plena com Deus, com a criação e com os irmãos.

4 A necessidade de uma séria e vital formação litúrgica

Uma questão sobre a formação litúrgica foi posta por Guardini¹²: “A primeira tarefa prática a fazer: sustentados por esta transformação interior do nosso tempo, devemos aprender de novo a colocarmo-nos perante a relação religiosa como homens em sentido pleno”¹³. É isto o que a Liturgia possibilita, para isto nos devemos formar.

O mesmo Guardini não hesita em afirmar que sem formação litúrgica “as reformas no rito e no texto não ajudam muito”¹⁴. Como pistas para reflexão dois aspectos são importantes: a formação para Liturgia e a formação a partir da Liturgia. O primeiro está em função do segundo que é essencial.

¹¹ DD, n. 9.

¹² Romano Guardini foi um sacerdote, escritor e teólogo católico-romano. Guardini iniciou sua docência em 1923, na Universidade de Berlim, onde permaneceu até 1939. Foi professor, mais tarde, na Universidade de Tübingen e na Universidade de Munique. Sua influência na teologia católico-romana do século XX foi grande.

¹³ DD, n. 34.

¹⁴ DD, n. 34.

Se faz necessário encontrar canais para um estudo da liturgia. Desde o início do movimento litúrgico¹⁵ realizou preciosas contribuições através de estudiosos e instituições acadêmicas. Contudo, é importante difundir este conhecimento para além do ambiente acadêmico, de forma acessível, para que cada fiel cresça no conhecimento do sentido teológico da Liturgia. Esta é a questão decisiva que fundamenta todo tipo de entendimento e toda prática litúrgica.

Domingo após domingo, Páscoa após Páscoa, nos reunimos para celebrar a Eucaristia no dia do Senhor. Os ministros ordenados desempenham uma ação pastoral de primeira importância quando tomam pela mão os fiéis batizados para os guiar dentro da repetida experiência da Páscoa. A Igreja, que é Corpo de Cristo que celebra, e não só o sacerdote. O conhecimento que vem do estudo é só o primeiro passo para poder entrar no mistério celebrado. É obvio que para poder guiar os irmãos e irmãs, os ministros devem conhecer o caminho, por estudo, por prática de uma experiência de fé viva, alimentados pela oração e não somente como obrigação a satisfazer.

Também o plano de estudos da Liturgia nos seminários deve ter em conta a extraordinária capacidade que a celebração tem em si própria para oferecer uma visão orgânica do saber teológico. Todas as disciplinas da teologia, cada qual segundo a sua perspectiva própria, devem mostrar a sua conexão íntima com a Liturgia, em virtude da qual se revela e se realiza a unidade da formação sacerdotal.¹⁶ Uma abordagem litúrgico-sapiencial da formação teológica nos seminários também teria, certamente, efeitos positivos na ação pastoral. Não há aspeto da vida eclesial que não encontre na Liturgia o seu cume e a sua fonte. A pastoral de conjunto, orgânica, integrada, mais do que ser o resultado de programas elaborados é a consequência do colocar no centro da vida da comunidade a celebração Eucarística dominical, fundamento da comunhão. A compreensão teológica da Liturgia não permite de modo algum entender estas palavras como se tudo se reduzisse ao aspeto cultural. Uma celebração que não evangeliza não é autêntica, igualmente um anúncio que não leve ao encontro com o Ressuscitado na celebração: ambos sem o testemunho da caridade são como o “bronze que soa e como o címbalo que retine”¹⁷.

Para os ministros e para todos os batizados, a formação litúrgica neste seu primeiro significado, não é algo que se possa pensar adquirir de uma vez por todas. Mas, deve ser um dom do mistério celebrado, que supera a nossa capacidade de conhecimento. E que nos forme

¹⁵ Movimento litúrgico foi o processo de recuperação dos valores da vida litúrgica da comunidade cristã, que se deu entre meados do século XIX e princípios do século XX.

¹⁶ SC, n. 16.

¹⁷ 1Cor 13,1.

e transforme permanentemente com a humildade dos pequenos, e com a atitude que abre ao estupor.

Para além do estudo, os seminários, devem também oferecer a possibilidade de experimentar uma celebração não só exemplar do ponto de vista ritual, mas autêntica, vital, que permita viver aquela verdadeira comunhão com Deus, à qual também o saber teológico deve conduzir. Só a ação do Espírito pode aperfeiçoar o nosso conhecimento do mistério de Deus, que não é questão de compreensão intelectual mas de uma relação que toca a vida. É fundamental para os ministros ordenados, acompanhar as comunidades no mesmo percurso de conhecimento do mistério de Deus, que é mistério de amor. Devemos refletir sobre o segundo significado com que podemos entender a expressão “formação litúrgica”. Sua Santidade se refere ao ser formado, cada qual segundo a sua vocação, pela participação na celebração litúrgica. Não devendo se tornar um racionalismo, mas estar em função da ação formadora da Liturgia em cada crente em Cristo.

5 A natureza da Liturgia

Deus, que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade¹⁸. É desejo ardente na mãe Igreja que todos os fiéis cheguem à plena consciência e uma participação ativa nas celebrações litúrgicas, onde a própria natureza da Liturgia exige, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão. Nós somos raça escolhida, nação santa, povo de Deus.¹⁹

A natureza da Liturgia nos forma no conhecimento do mistério de Cristo; não consiste numa assimilação mental de uma ideia, mas numa real implicação existencial com a sua pessoa. Neste sentido a Liturgia não diz respeito ao “conhecimento” e a sua finalidade não é primariamente pedagógico²⁰, mas é o louvor, a ação de graças pela Páscoa do Filho, cuja força de salvação alcança a nossa vida. A plenitude da nossa formação é a conformação a Cristo. Escreve Leão Magno: “A nossa participação no Corpo e no Sangue de Cristo não tem outro fim a não ser transformar-nos naquilo que recebemos”²¹.

A Liturgia é feita de coisas que são exatamente o oposto de abstrações espirituais: pão, vinho, azeite, água, perfume, fogo, cinzas, pedra, tecido, cores, corpo, palavras, sons, silêncios,

¹⁸ 1Tm 2,4.

¹⁹ SC, n. 14.

²⁰ Embora tenha grande valor pedagógico, SC, n. 33.

²¹ Leão Magno, Sermão XII: Sobre a Paixão III, 7.

gestos, espaço, movimento, ação, ordem, tempo, luz. Toda a criação é manifestação do amor de Deus. Toda a criação é atraída por Ele, e assumida para ser posta ao serviço do Verbo encarnado, Mistério Pascal, que está junto do Pai.

A Liturgia é um eterno louvor a Deus, pelo Filho, no Espírito Santo. *Doctor unitatis*, título dado ao Santo Ireneu de Lião pelo Papa Francisco, em 2022, recorda: “A glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem consiste na visão de Deus: se já a revelação de Deus na Criação dá a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai através do Verbo é causa de vida para os que veem a Deus!”²².

Escreve Guardini: “É assim que se esboça a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica: o homem deve voltar a ser de novo capaz de símbolos”²³. É uma responsabilidade para todos, ministros ordenados e fiéis. A tarefa não é fácil porque o homem moderno tornou-se analfabeto, não reconhece os símbolos, e nem pressente a sua existência. A nossa abertura ao transcendente, a Deus, é constitutiva. O homem não reconhece somente a Deus, mas também a si mesmo. Exemplo como tratamos nosso corpo, com cuidados excessivos sob o mito da eterna juventude, ou o reduzimos de tal forma que se nega qualquer dignidade. O fato é que não se pode dar valor ao corpo partindo apenas do corpo. Todo símbolo é, ao mesmo tempo, poderoso e frágil: se não é respeitado, se não é tratado pelo que é, quebra-se, perde a sua força, torna-se insignificante. Já não temos o olhar de São Francisco que olhava para o sol e o chamava irmão, porque assim o percebia, com seu esplendor radiante. O ter perdido a capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de todas as criaturas torna a linguagem simbólica da Liturgia quase imperceptível ao homem moderno. Como podemos renunciar a essa linguagem tão importante? A Santíssima Trindade escolheu a linguagem simbólica para nos alcançar na carne do Verbo. Devemos recuperar a capacidade de utilizar e de compreender os símbolos da Liturgia.

6 Leitura simbólica da Liturgia

A pergunta que nós colocamos é a seguinte: como voltar a ser capazes de perceber os símbolos? Como reconhecer e voltar a compreender os símbolos para poder vivê-los novamente? A celebração dos sacramentos é por graça de Deus, eficaz em si mesma, mas isso não garante uma plena implicação das pessoas sem um modo adequado de se colocar perante a

²² DD, n. 43.

²³ DD, n. 44.

linguagem da celebração. A leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas é uma experiência vital.

Em primeiro lugar devemos readquirir a confiança na criação. As coisas com que “se fazem” os sacramentos, vêm de Deus, orientam-se para Ele e por Ele foram assumidas, com a encarnação, se tornam instrumentos de salvação, veículos do Espírito, canais de graça. Desde a origem elas contêm o germe da graça santificante dos sacramentos.

Continuando nossa reflexão sobre como a Liturgia nos forma, deveria haver uma educação que nos ajudasse a adquirir uma atitude interior que nos permitisse utilizar e compreender os símbolos litúrgicos. A grata lembrança do gesto de nossos pais e avós, que tomavam nossa mão pequena e lentamente traçavam pela primeira vez o sinal da nossa salvação. Mas também, não podemos esquecer dos nossos párocos e catequistas, que com muito amor e carinho nos orientaram para a fé. Muitos de nós aprendemos com eles, a força dos gestos da liturgia, como por exemplo o sinal da cruz, o estar de joelhos, as fórmulas da nossa fé. É possível que não nos lembremos mais o movimento de juntar as mãozinhas e rezar apressado a Ave Maria. Ou as palavras, que quase sem querer saem de nossa boca, unida aquele gesto, de todo o corpo: “Em nome do Pai ... e do Filho ... e do Espírito Santo ... Amem”. Lembrar da primeira oração feita de joelhos aos pés da cama. A partir daquele momento, aquele gesto, a sua força simbólica, nos dá forma e somos formados por ele. Não são precisos muitos discursos, não é necessário ter compreendido todo daquele gesto: é preciso ser pequenino quer no entregá-lo quer no recebê-lo. O resto é obra do Espírito. Assim fomos iniciados na linguagem simbólica. Desta riqueza não podemos despojar.

Considerações finais

Na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*, Papa Francisco colocou como principal objetivo despertar em todo o povo de Deus, o interesse pela beleza da Liturgia, deixar-se encantar e “formar” por ela. Pois se viesse a faltar o assombro pelo mistério pascal que se torna presente no concreto dos sinais sacramentais, poderíamos verdadeiramente correr o risco de ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração.²⁴

Ao refletir sobre o documento, percebemos que Papa Francisco percorre um caminho que vai ao coração da celebração litúrgica, “o ápice para onde tende a ação da Igreja” e “a fonte de onde brota toda a sua energia”. Cada parágrafo do novo documento é penetrado pela

²⁴ DD, n.24.

consciência de que a liturgia é, antes de tudo, um lugar de encontro com Deus e com os irmãos. A cada celebração Eucarística somos atraídos pelo desejo de Cristo por nós, mesmo sem ter a consciência disso. A nossa resposta possível é a de nos entregar ao seu amor, de se deixar atrair por ele. A partir dessa consciência, redescobrimos a beleza da liturgia, a necessidade de uma formação permanente e de nos deixar formar por ela. Participar da celebração significa “ouvir as palavras” de Jesus e “ver seus gestos, mais vivos do que nunca”. Quem deve prevalecer é o Cristo. Devendo ser evitados a todo custo: a missa “show”, a rigidez austera, o desleixo e a banalização da liturgia. Não há lugar para “criatividade selvagem” na liturgia, nos alerta Dom Armando *Bucciol*.²⁵ A liturgia é “fonte e ápice” e não pode ser transformada num palco onde se tenta passar uma visão da Igreja que não acolhe o que foi estabelecido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

A formação é vital e nos garante uma boa celebração da Eucaristia, mas também nós nos formamos para melhor celebrar, e a cada celebração, somos formados por ela. A liturgia forma-nos em tudo, molda nosso ser e sobre tudo nos conforma ao Cristo vivo e ressuscitado no meio da sua Igreja.

Papa Francisco encerra o documento dizendo que devemos abandonar as polêmicas para escutarmos juntos o que o Espírito diz à Igreja. Precisamos conservar a comunhão, continuar a maravilhar-nos pela beleza da Liturgia. Devemos nos deixar guardar pelo desejo que o Senhor continua a ter de poder comer conosco a Páscoa. Sob o olhar de Maria, Mãe da Igreja.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*** - Sobre a Formação Litúrgica do Povo De Deus. São Paulo: Paulinas, 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica na Forma de *Motu Proprio Custodes Traditionis***- Sobre a utilização da Liturgia Romana antes da Reforma de 1970. São Paulo: Edições CNBB, 2021.

PAULO VI, PP. **Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*** - Sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2003.

PAULO VI, PP. **Constituição Dogmática *Lumen Gentium “De Ecclesia”***- Sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2002.

²⁵ Dom Armando *Bucciol*, bispo católico italiano, emérito da Diocese de Livramento de Nossa Senhora.

PAULO VI, PP. **Constituição Dogmática *Dei Verbum*** - Sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 2001.

PAULO VI, PP. **Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*** - Sobre a Igreja no Mundo de Hoje. São Paulo: Paulinas, 2003.

Recebido em: 04/11/2024

Aprovado em: 16/11/2024